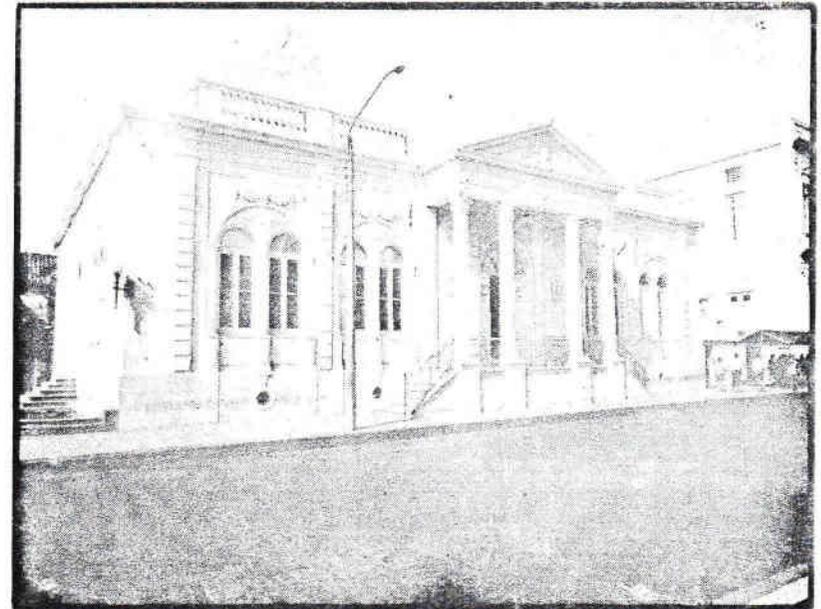


HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

volume 3 - novembro de 1997

HISTÓRIA EM REVISTA

Volume 3

NOVEMBRO DE 1997

Ass.: *Revista*
Registro: *706 / [REDACTED]*
Data: *novembro / 1997*
Instituição: *N. D. H. / UFPel*



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA



HISTÓRIA EM REVISTA

VOLUME 3

NOVEMBRO DE 1997

Pelotas
Editora da UFPEL

ANUAL

História em Revista	Pelotas	v. 3	p. 1-152	novembro/1997
---------------------	---------	------	----------	---------------

EDITORIAL

No terceiro número da *História em Revista*, publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, buscamos fortalecê-la. Mantendo-a como um espaço que facilita a veiculação da pesquisa histórica produzida na Universidade Federal de Pelotas, procuramos também afirmá-la como um periódico na área de História em âmbito nacional, contando, assim, com a contribuição de destacados pesquisadores, como a historiadora Helga I. L. Piccolo, que gentilmente ofereceu seu artigo sobre a escravidão em Pelotas, desejando fosse publicado em uma revista científica pelotense.

A *História em Revista* se consolida ao buscar constituir um valioso instrumento de pesquisa e informação. A partir desse volume, publicamos dossiês sobre temas específicos. Por esse meio, criamos um importante instrumento para pesquisa, estudo e ensino de História, por ensejar a leitura de variegadas abordagens sobre uma mesma problemática. No presente número, temos um dossiê sobre a escravidão na zona sul do Rio Grande do Sul; para tanto, privilegiamos a publicação de artigos de autores da própria região, a fim de divulgar a pesquisa aqui realizada sobre o assunto. A temática é tratada sob diferentes enfoques: assuntos variados; metodologias e técnicas distintas; fontes históricas diversas.

Ademais, damos continuidade ao objetivo, estabelecido na elaboração do segundo número, de publicar documentação histórica de valor, inédita ou veiculada em obras antigas, raras e esgotadas, ou mesmo na imprensa de épocas muito recuadas. Assim, se no número anterior publicamos a entrevista com o ex-dirigente comunista Otávio Brandão, nesse trazemos uma tabela sobre a escravidão em Pelotas no século XIX, publicada no *Correio Mercantil* de 23.08.1884, bem como um conto do escritor pelotense Alberto Coelho da Cunha, que foi publicado em 1872, no *Partenon Literário*, quando tinha ainda seus 17 anos de idade. Nesse conto, o adolescente descreve, com as tintas da literatura, o cotidiano do escravo da charqueada, que conhecera por meio de sua vivência familiar.

Com uma visão ampla da interação da História com as demais Ciências Humanas, trazemos um artigo de Antropologia, que trata, com originalidade, de um tema de absoluta relevância para os dias de hoje, qual seja, a violência.

Enfim, procurando incentivar os futuros professores e historiadores que formamos em nosso Curso de História, insistimos em manter uma seção dedicada à publicação de trabalhos de conclusão de curso que se destaquem por seus méritos científicos e intelectuais, aqui representados pelo artigo sobre a gripe espanhola.

Fábio Vergara Cerqueira
Editor

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Reitora:

Prof. Inguelore Scheunemann de Souza

Vice-Reitor:

Prof. José Carlos da Silveira Osório

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Nel Fernandes Lopes

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. João Neuci Brandalise

Pró-Reitor de Extensão e Cultura:

Prof. Francisco Elifalete Xavier

Pró-Reitor Administrativo:

Prof. Paulo Roberto Soares de Pinho

Pró-Reitor de Planejamento e

Desenvolvimento:

Prof. Paulo Silveira Júnior

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Mario Osorio Magalhães

Vice-Diretor: Prof. Althen Teixeira Filho

Chefe Depto. História e Antropologia:

Prof. Cláudia Mauch

Editora e Gráfica Universitária

Diretor: Jorn. Fernando de Oliveira Vieira

História em Revista

Publicação do Núcleo de Documentação
Histórica da Universidade Federal de Pelotas
Depto. de História e Antropologia

Conselho Editorial:

Prof. Dra. Helga I. Landgraf Piccolo

Prof. Dr. René Gertz

Prof. Me. Mario Osorio Magalhães

Editor: Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Ficha Catalográfica

História em Revista/ Universidade Federal de Pelotas;
Departamento de História e Antropologia; Núcleo de Documentação Histórica.
v. 3, novembro 1997. - Pelotas: Ed.UFPEL, 1997.

Anual

1. História - Periódico I. Universidade Federal de Pelotas II. Departamento de
História e Antropologia

CDD 900.05

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPEL (NDH/UFPEL)

Coordenadora:

Prof. Me. Beatriz Ana Loner

Membros do NDH/UFPEL:

Prof. Me. Cláudia Mauch

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Me. Flávia Maria Silva Rietth

Prof. Lorena Almeida Gill

Prof. Me. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Rogério Sacramento Burkert

Capa: Nara Rejane da Silva

Impressão Digital Lazer:

Luiz Gonzaga de Souza Cruz

Rodrigo Marten Prestes

Acabamento:

Oscar Luis Bohms (Chefe da Seção Gráfica),
Alexandre Farias Brião, Carlos G. Costa da
Silva, Cláudio L. M. dos Santos, João
Henrique Bordin, João José P. Meireles,
Marciano Serrat Ibeiro.

Digitação, Composição, Diagramação e

Revisão de Tabelas:

Rogério Sacramento Burkert e Mara Lúcia

Vasconcelos da Costa

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Coronel Alberto Rosa, 154

Pelotas - RS - Brasil - CEP: 96.010-770

Fone/Fax: (0532) 22-8941 – 25-0998

E-mail: loner@ufpel.tche

SUMÁRIO

EDITORIAL5

DOSSIÊ: Escravidão no Extremo Sul do Brasil

1. O sistema escravista no Rio Grande do Sul:
os inventários como fonte para a pesquisa histórica 7
Helga Iracema Landgraf Piccolo
2. 1887: A revolta que oficialmente não houve
ou de como abolicionistas se tornaram zeladores
da ordem escravocrata. 29
Beatriz Ana Loner
3. Negros, brancos e “pardos” na construção
do Novo Mundo, Pelotas 1848-1888 53
Ester J.B. Gutierrez
4. *Pai Felipe: Um episódio de charqueada e/ou*
aspectos temáticos da obra de Alberto Coelho da Cunha.... 85
Eduardo Arriada
5. O escravismo na região meridional do Rio Grande do Sul:
elementos contextuais e características 99
Agostinho Mario Dalla Vecchia

INSTRUMENTOS DE TRABALHO

1. Núcleo de Documentação Histórica: Novos Rumos 123
Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill

ARTIGOS

1. O fantasma da violência. Reflexões sobre
“forças centrífugas” e um objeto em revolução..... 127
Theophilos Rifiotis
2. A Gripe Espanhola em Pelotas 137
Renata Brauner Ferreira

-Cartilhas, boletins, panfletos, cadernos de formação, enfim, todo tipo de documentos sobre o movimento sindical e movimento operário, especificamente o gaúcho e o pelotense.

3) Movimento Estudantil - Jornais, panfletos, mobilizações sobre D.As e DCEs da UFPel, UFRGS e o restante do RS, DEE-RS, UEEs, UNE, tendências políticas e correntes em seu interior.

4) Movimento de mulheres.

5) Movimento negro.

6) Movimento dos professores em vários níveis . SIMP, CPERS, ANDES, ensino privado. Material de encontros, congressos e mobilizações da categoria.

7) Índios.

8) Movimento Social Urbano específico sobre Pelotas.

9) Anistia Internacional.

10) Repressão a guerrilha urbana.

11) Partidos : jornais, documentos de encontros, congressos, especificamente sobre PT, PCB, PC do B e outros partidos de esquerda.

12) Documentos e jornais de organizações de esquerda revolucionária na época da ditadura militar.

13) Material sobre Universidade e Educação : textos teóricos, material sobre campanhas, eleições para Reitor.

14) Material sobre a Constituinte Federal, Estadual e Municipal.

15) Jornais alternativos como Movimento, Em tempo, Hora do Povo, Versus.

Além disso, no acervo do NDH/UFPel dispomos de entrevistas gravadas com dirigentes operários, dirigentes da UFPel, imigrantes, filhos e netos de judeus de Pelotas e colonos da Palma.

Com relação a fotografias, há material sobre a UFPel, mobilizações em Pelotas, como greves e passeatas do movimento organizado de trabalhadores e sobre o assentamento da Palma.

O FANTASMA DA VIOLÊNCIA. REFLEXÕES SOBRE "FORÇAS CENTRÍFUGAS" E UM OBJETO EM REVOLUÇÃO

Theophilos Rifiotis⁵

"Eu gosto muito das coisas inacabadas, dos livros adquiridos nos sebos, dos trabalhos em curso, gosto menos dos livros completos e bem arrumados, sem pontas, nem arestas."

Merleau-Ponty

RESUMO: Esse artigo sintetiza as perspectivas com que será desenvolvida uma pesquisa sobre a violência, buscando encarar a sua ambigüidade, no sentido de pensá-la em termos de positividade, em oposição à noção implícita que a codifica como negatividade. A sua dimensão positiva liga-se à construção da subjetividade e a afirmação das diferenças, individuais ou grupais ou étnicas, face a homogeneização imposta pelas diversas instâncias de poder. O estudo reivindica o lugar da violência na Antropologia, reclamando pela elaboração de um referencial teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, subjetividade, linguagem, cultura.

O pensamento inquieto de Maurice Merleau-Ponty, particularmente em *A Prosa do mundo* leva-nos a considerar o real como um transbordamento que se estende para além dos "dados" e "conceitos", conduzindo-nos a uma espécie de iniciação ao mundo das forças invisíveis que genericamente chamamos de linguagem. Naquela obra inacabada, mais do que um guia seguro, temos "*uma luz que não teria jamais iluminando em outro lugar*", como afirma Claude Lefort ao justificar a importância da sua publicação (MERLEAU-PONTY, 1974: 14).

Foi a partir desta obra, sobre os enigmas da linguagem e da percepção, que desenvolvemos o presente texto, cujo objetivo é explicitar as bases para o desenvolvimento de um programa de

⁵ Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, pesquisador do Centro de Estudos Africanos da USP.

pesquisa sobre a ambigüidade da violência, destacando a sua positividade como experiência vivencial significativa para a construção das subjetividades. Usamos da palavra como um balão de ensaio, esperando que ele funcione como um teste para a validade da nossa discussão sobre a violência.

Concretamente, neste primeiro ensaio, percorremos os discursos sobre a violência e a sua naturalização, procurando seguir o espírito da seguinte reflexão de Merleau-Ponty (1974:151-2):

O que chamamos palavra não passa dessa antecipação e essa retomada, esse tocar à distância, que não se conceberiam eles próprios em termos de contemplação, esta profunda convivência do tempo com ele mesmo. O que mascara a relação viva dos sujeitos felantes é que tomamos sempre por modelo da palavra o enunciado ou o indicativo, e o fazemos porque acreditamos que só há, fora dos enunciados, balbucios, derrisão. É esquecer tudo o que entra de tácito, de informalizado, de não tematizado nos enunciados da ciência, que contribuem para determinar o seu sentido e que justamente dão à ciência de amanhã seu campo de investigações."

A violência como um fantasma:

As múltiplas faces da violência representam um espaço aparentemente vazio, no qual o não-dito é moeda corrente, a precariedade merece atenção e os "conceitos" devem manter-se próximos da experiência¹. Neste campo tão complexo, nós nos perguntamos como se poderia circunscrever o discurso sobre a violência como uma "objetivação", se ele nem sempre é visível², e a

¹ "Um conceito próximo da experiência é, a grosso modo, um conceito pelo qual qualquer um - um paciente, um sujeito, no nosso caso um informante - poderia, ele mesmo, naturalmente e sem esforço, se servir para definir o que ele e seus companheiros vêem, pensam, sentem, imaginam e assim ele compreenderá facilmente quando este conceito for aplicado pelos outros da mesma maneira. Um conceito distante da experiência é aquele que os especialistas de uma forma ou de outra - um analista, um experimentador, um etnógrafo, mesmo um padre ou um ideólogo - empregam para apresentar seu objetivo científico, filosófico ou prático." (Geertz, 1986: 73)

² A invisibilidade a que nos referimos é a mesma que tem a gramática para o falante de uma língua: falar implica na mobilização de regras que não são conscientes para o sujeito enunciativo.

De um modo geral, consideramos que a nossa percepção do mundo está irremediavelmente permeada pela nossa experiência pessoal. Esta história pessoal, construída a partir de vivências concretas é, ao mesmo tempo, única e compartilhada pelos nossos contemporâneos. É que a percepção e o objeto percebido são constituintes

violência é um objeto em constante construção. Para respondermos esta questão, consideramos necessário expor as nossas primeiras interrogações face a ambigüidade encontrada nos estudos sobre a violência. Voltamos-nos particularmente para um implícito que não nos parece ter recebido a atenção necessária por parte dos pesquisadores: uma espécie de negatividade generalizada da violência.

A valorização negativa implícita no discurso sobre a violência, científico ou não, é o ponto específico sobre o qual nos concentramos neste trabalho³. O que gostaríamos de destacar é que a violência, para além do delito e da repressão, implica numa visão de mundo, e que isto tem significativas conseqüências, principalmente, para os estudos que se concentram na construção das subjetividades daqueles que vivenciam a experiência da violência. É na perspectiva de uma abordagem, digamos, mais vivencial, mais próxima das experiências concretas, que podemos começar a pensar na pluralidade da violência.

Percebemos a pluralidade da violência quando procuramos, por exemplo, circunscrever o seu campo semântico. Deparamo-nos de imediato com um jogo de linguagens onde diferentes tipos de fenômenos aproximam-se, enredando-se numa teia discursiva cuja amplitude equivale a uma visão de mundo⁴. No nosso cotidiano, referimos-nos à violência no esporte, no trânsito, nas ruas, nas prisões, ou ainda com relação às precárias condições de vida, à fome, e, evidentemente, com relação à criminalidade; mas há ainda a violência contra a mulher, contra a criança, contra a natureza, e a violência nos rituais de sacrifício, violência física, psicológica, simbólica, cognitiva... Esta série, cuja regra de formação é invisível, pode englobar ainda: as

da mesma realidade. Assim, os nossos atos simbólicos, a linguagem em particular, não se distinguem da própria realidade. Esta é uma razão fundamental para que o conhecimento da dimensão imaginária das práticas sociais seja considerado prioritário neste campo de estudo.

³ O presente trabalho foi escrito a partir da palestra sobre o conflito entre grupos etários nas sociedades negro-africanas, proferida no II Fórum de Debates sobre Teorias da História, promovido pelo Instituto de Ciências Humanas da UFPel, em 1994, sob a coordenação dos professores Fábio Vergara Cerqueira e Flávia Maria Silva Rieth.

⁴ Quando ultimávamos este texto, tomamos conhecimento da publicação do n.2 de *Comunicações & política* ("Seminário Mídia, drogas e criminalidade"). Chamou-nos a atenção a exposição de Luís Eduardo Soares na qual ele se refere à violência como um "termo valise", ou uma "palavra-valise" (Entrevista do mesmo autor no Boletim da ABA, n.24, 1995). A idéia de um fantasma da violência, que apresentamos a seguir, tem também o sentido de uma "tendência a homogeneizar as observações relativas a fenômenos associados à violência", que Soares observou corretamente, embora ela a designe com a expressão "cultura do medo", que nos parece muito ampla para dar conta da especificidade do nosso objeto.

relações de força, as tensões, as hierarquias, as desigualdades sociais e as situações de conflito em geral. Diz-se que tudo está contaminado por esta peste, que é preciso eliminá-la, antes que ela se torne incontrolável e domine a tudo e a todos. É o quadro de paroxismo da violência. Diz-se também que, com certeza, nunca foi assim... Os bailes *funks*, as *gangs*, os neo-nazistas, a polícia, os traficantes, os assaltantes, os cinicamente chamados "meninos de rua", os assassinatos em família.

Os mesmos "fatos" que nos permitem ver a violência, qualificam também a sua própria dimensão. Em outros termos, é a crescente extensão do campo semântico que nos leva a pensar que estamos frente a um constante e inelutável aumento da violência. A própria memória, atualizando sem relativizar o passado, atua como uma portadora de referências que avaliam a realidade presente como uma degradação. A memória alimenta o medo, que se nutre da força do fantasma que ela representa. Neste sentido, se a violência é um fantasma, diremos que ela não pode ser diretamente interrogada; é melhor deixá-la falar.

A violência nos fala através de um discurso catastrófico, que se espalha dominando todo o nosso cotidiano. Diariamente, os meios de comunicação nos apresentam um balanço da violência, que, apesar de redundante, previsível, realimenta o nosso próprio discurso. O seu léxico e a sua sintaxe são próximos do discurso da prática médica: doença, epidemia, peste, o remédio, o tratamento, a inevitabilidade... A violência é um "fantasma", sem hora, nem lugar, que está no estranho da rua desconhecida, na noite escura. A violência é o caos, uma porta aberta para o caos; ela é a falta de limite, o imprevisível. O crescimento do campo semântico não abole um outro fantasma que ronda o imaginário da violência: ela está sempre alhures, no outro. O desconhecido é uma espécie de catalisador dos medos que se alimentam do discurso alarmista sobre a violência. É interessante notar que, contrariamente ao que se costuma pensar, a violência é "familiar", ou seja, a sua ocorrência pode envolver pertencentes de um mesmo grupo social, não apenas na chamada "violência doméstica"⁶, onde são

⁶ Tomamos o conceito de fantasia ou fantasma da discussão de Renato Mezan em *Freud: Pensador da Cultura*, citando uma carta de Sigmund Freud, onde ela afirma que: "As fantasias são construções defensivas, sublimações e ornamentações dos fatos, servindo simultaneamente a propósitos de auto-exoneração" (Mezan, 1986: 187)

⁷ Relatórios detalhados sobre homicídios nos Estados Unidos da América e na Inglaterra mostram que os números da violência doméstica são tão significativos quanto o silêncio que se coloca em torno deles (Chesnaï, 1981: 100-124).

explícitas as relações de afetividade e mútuo conhecimento, mas no interior de minorias sociais.

Por outro lado, cabe ainda lembrar que a questão é tão complexa que tudo se passa como se estivéssemos vivendo numa dimensão paralela, pois o mundo que nos envolve está tornando-se cada vez mais previsível e previdente, e talvez por isto mesmo estejamos cada vez mais preocupados com qualquer índice de incerteza, que é tomado como uma ameaça. Porém, ao contrário do que se costuma destacar, a nossa sociedade vem desenvolvendo uma participação social ampliada, com a luta pelo respeito aos Direitos Humanos e um maior controle sobre as suas instituições de segurança, o que implica, ao mesmo tempo, numa relativização do fantasma da violência e no fortalecimento de uma expectativa de estreitamento das margens da violência.

O fantasma fala do aumento da violência, dos números "alarmantes", do medo do outro, etc; mas afinal, o que entendemos por "violência"? Que objeto é esse, do qual tentamos sempre nos afastar, e que se apresenta como uma força apontando sempre para o exterior? Há outra maneira de pensar a violência para além do círculo da sua negatividade e do campo da criminalidade? Tais interrogações não são tão solitárias quanto se poderia pensar, nem são apenas retóricas: elas são portas entreabertas que exigem o concurso de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e estudos em vários níveis, uma tarefa coletiva para aqueles que se dedicam ao estudo da violência⁷.

Violência e "forças centrífugas"

Considerando, esquematicamente, a produção científica sobre a violência no Brasil, principalmente a partir dos anos 80, podemos afirmar que ela se concentra no campo da cidadania e dos limites da ação do Estado. Sem pretendermos realizar uma revisão desta ampla e diversificada bibliografia, parece-nos possível apontar uma convergência conceitual em torno dos termos definidos na obra de

⁷ Várias iniciativas neste sentido estão em curso, entre as quais poderíamos destacar, apenas a título de exemplo, os trabalhos de Alba Zaluar e os do Núcleo de Estudos da Violência da USP. Foi com este objetivo que, desde 1993, estivemos trabalhando, juntamente com Míriam Pillar Grossi (UFSC), para a organização de uma rede de estudos sobre a violência. Na XIX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia no Rio de Janeiro (1994), tivemos o Grupo de Trabalho "Por uma antropologia da violência". Vale destacar que, na avaliação geral dos trabalhos, observamos uma nítida convergência: a necessidade de abrir-se o diálogo sobre o campo conceitual da violência.

Michel Foucault como *micro-física*. Neste domínio teórico, é possível perceber-se a presença das relações de poder e da violência em todos os lugares: nas relações entre pais e filhos, na escola, nas relações de trabalho, na prisão, etc; e por outro lado, as manifestações de poder e de violência mover-se-iam em conjunto em qualquer ponto da rede social, sem exclusividade explicativa para as relações estruturais. Assim, entendemos que, pelo menos em primeira aproximação, o estudo da violência está colocado num campo que não se pretende exclusivo de nenhuma ciência particular, e que ele se situa num território em constante disputa⁸.

Do quadro geral dos estudos sobre a violência, o ponto específico que pretendemos destacar é a necessidade da construção de um espaço para o estudo da "positividade" da violência, ou seja, o seu estudo para além do círculo da criminalidade e da fantasmagoria a ela associada. Entendemos que o desenvolvimento deste campo de estudos permitirá resgatar um elemento essencial para a compreensão do fenômeno, que é a percepção dos sujeitos concretos envolvidos em situação de violência.

O discurso sobre a violência não compreende apenas a fala, nem é consciente para quem o enuncia; ele também é o não-dito ou silenciado, um conjunto de enunciados, práticas e falas, que garantem a circulação das imagens sobre a própria violência. O discurso sobre a violência é o leito de um grande rio, que na Antropologia chamamos de "cultura". Porém, mesmo na Antropologia, as marcas da nossa ambigüidade frente à violência estão presentes.

De fato, as constantes e recorrentes observações etnográficas que mostram a importância da violência nas sociedades tradicionais não

⁸ A passagem dos estudos da violência como um elemento inteligível apenas no quadro das contradições estruturais da sociedade de classes, para o domínio da *micro-física*, nos parece bem caracterizado em *A Violência Brasileira* (Paoli et alii, 1982); onde já encontramos também uma abertura para a abordagem antropológica no ensaio de Roberto da Matta sobre as raízes culturais da violência no Brasil.

⁹ Entendemos território num sentido mais amplo do que aquele de um espaço onde onde se articula a porção de vida ou uma sociedade determinada. Território é um espaço vivido, mas também "um sistema percebido no qual o sujeito percebe uma "familiaridade". Ele é, portanto, um sinônimo de apropriação, um espaço do imaginário onde desembocam toda uma série de comportamentos, investimentos semióticos, sejam cognitivos ou estéticos. Segundo Félix Guattari (1986), nós estamos em constante processo de desterritorialização, ou seja, desfazem-se ininterruptamente os nossos territórios. Nesse sentido, a empresa capitalística é uma máquina de reterritorialização, de domesticação, de disciplinamento, pois ela é a volta de tudo o que se perde, de todas as ovelhas desgarradas da ordem da produção e das relações sociais.

foram suficientes para que fosse superada a condição envolvente do fantasma da violência. Nos estudos etnológicos, a violência foi banida: a imagem criada é a de sociedades onde a violência está controlada, codificada, ritualizada, quando não abolida (CLASTRES, 1980: 171). Porém, esta imagem coincide mais exatamente com as sociedades que estão sob o signo da chamada *paz branca*. Parece que projetamos sobre estas sociedades "pacificadas" um imaginário que procuraria negar a nossa própria violência; evidencia-se uma certa abnegação da violência; ou seja, em geral, a antropologia recusa-lhe qualquer positividade que não venha do seu estrito controle.

Encontramos a matriz básica para o desenvolvimento da nossa proposta de pesquisa sobre a "positividade" da violência nos trabalhos de Pierre Clastres (1980). Referimo-nos particularmente à noção de "sociedades contra o Estado", utilizada na análise da guerra nas sociedades indígenas. Para este autor, o Estado funciona como uma máquina de unificação, enquanto que a violência e, em particular, a guerra, atuaria no sentido inverso. A violência seria uma espécie de força dispersiva, voltada para a manutenção das diferenças, em contraponto à homogeneização que a centralidade dos poderes procura instaurar. Em termos de um possível modelo teórico, a violência deveria ser pensada nos aspectos que fazem dela um elemento instaurador de identidades locais (étnicas, culturais, etc) e da construção de subjetividades através dos processos de socialização.

Se a generalização proposta acima for válida, pelo menos como metáfora, poderíamos pensar que a sociedade abrangente seria composta de uma multiplicidade de comunidades indivisíveis, obedecendo a uma lógica centrífuga, como no caso das sociedades indígenas (CLASTRES, 1980:206). Neste caso, cada minoria, grupo ou segmento social utilizaria da violência para garantir a sua identidade. Levando a homologia ao seu limite, os próprios sujeitos envolvidos em situação de violência estariam valendo-se de um instrumento para a construção ou garantia de manutenção da sua subjetividade, ou seja, marcando a fronteira com o que consideram exterior. Estas afirmações são hipóteses, digamos desde logo, que ainda precisam ser validadas, e não pretendem de modo algum reduzir o crime e a chamada "criminalidade organizada" a um jogo de identidades e territórios. Nem se trata de um questionamento à luta pelos Direitos Humanos, ainda que a instauração do cidadão, um equivalente geral para além das diferenças da existência cotidiana, implique em limites para as identidades locais. De um modo amplo, o nosso objetivo é apenas marcar que nestes processos há também um elemento instaurador, positivo, além da evidente negação dos processos de homogeneização.

Essa perspectiva exige que sejam postas de lado as razões funcionais da violência e a imputação natural da sua origem aos desequilíbrios sociais ou aos esforços de adaptação dos sistemas econômicos, uma vez que buscamos identificar as suas formas vivenciais. É por esta razão que se destaca, em primeiro lugar, a necessidade de desviar a nossa atenção da singularidade contida na noção de "a" violência, para vermos a *forma rara*, particular em que ela se manifesta, o que exige estudos concretos para que a prática não seja ofuscada pela força dos objetos reificados.

A violência é uma objetivação, uma espécie de significante sempre aberto para receber significados, e não uma invariante, um objeto natural. Ao invés de acreditar que existe algo como "a violência" em relação à qual "agressores" e "vítimas" se comportam, deveríamos procurar ver como as coisas acontecem concretamente. Seria interessante identificar quais as práticas que estão sendo postas em jogo, pois é a partir delas que é construída a nossa própria imagem do campo da violência.

A melhor descrição sistemática dessa postura metodológica foi dada por Paul Veyne (1982), quando ele analisa a contribuição da obra de Michel Foucault e propõe aos pesquisadores uma atitude de "descrição densa", próxima da "descrição densa" na antropologia. Ele sugere uma descrição positiva dos objetos, livre dos fantasmas da linguagem, sempre tendo em conta que todo objeto é correlato a uma prática, e, portanto, nunca se deixa traduzir em "ideologias" ou "grandes noções".

De fato, o nosso problema inicial será o de descrever positivamente as situações de violência, sem nada pressupor e procurando identificar como elas são vivenciadas. Assim, livrando-nos dos fantasmas que a linguagem suscita em nós, poderemos voltar-nos para os atos e as percepções dos sujeitos, evitando o caminho das grandes noções, como "a" violência, "a" liberdade, que banalizam e tornam anacrônica a percepção dos sujeitos. Em outros termos, com relação a violência, o nosso objetivo não está na definição de limites da temática, mas aquilo que Paul Veyne chamou de "operadores de individualização" (1983: 30), ou seja, reconstruir o conjunto das práticas engendradas num determinado meio social, numa determinada época, procurando identificar "rosto singular" projetado sobre a sociedade como um todo.

Finalmente, gostaríamos de lembrar que as reflexões contidas neste texto procuram apenas apontar aspectos que nos preocupam no estudo da violência, em particular a falta de um referencial teórico. A

violência como um fantasma e a sua característica de força centrífuga em relação aos processos de homogeneização são as duas frentes de trabalho que vislumbramos na pesquisa sobre a "positividade" da violência.

Esperamos que o esforço conjugado das pesquisas em curso venha a nos permitir um salto em direção à crítica da noção de "forças centrífugas", como foi feito na Física, e nos aponte um princípio mais amplo. Em síntese, entendemos que estamos frente a um objeto em revolução, cuja órbita nos é desconhecida, e que a única postura possível é a sua observação sistemática e descrição positiva.

Referências bibliográficas:

- CHESSAIS, J.-C. *Histoire de la violence en Occident de 1800 à nos jours*. Paris: Robert Laffont, 1981.
- CLASTRES, P. *Recherches d'anthropologie politique*. Paris: Seuil, 1980.
- GEERTZ, C. *Savoir local, savoir global. Les lieux du savoir*. Paris: PUF, 1986.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MERLEAU-PONTY, M. *O Homem e a comunicação. A Prosa do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.
- MEZAN, R. *Freud. Um pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PAOLI, M.C. *et alii. A Violência brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- VEYNE, P. *O Inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. "Foucault revoluciona a história". In: *Cadernos da UnB*. Brasília: UnB, 1982.

ABSTRACT: This article sums up the perspectives with which one will develop a research about the violence, intending to face its ambiguity; it means to think it as a positivity, in opposition to the implicit notion that sees it as a negativity. Its positive dimension is connected to the construction of the subjectivity and to the affirmation of the differences -individual or social or ethnical differences-, before the homogeneity imposed by the different levels of power. The study calls for the place of the violence in the Anthropology, claiming the elaboration of theoretical reference.

KEYWORDS: Violence, subjectivity, language, culture.